

Manuel Bandeira – Estrada

Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho,
Interessa mais que uma avenida urbana.
Nas cidades todas as pessoas se parecem.
Todo o mundo é igual, todo o mundo é toda a gente.
Aqui, não: sente-se bem que cada um traz a sua alma.
Cada criatura é única.
Até os cães.
Estes cães da roça parecem homens de negócios:
Andam sempre preocupados.
E quanta gente vem e vai!
E tudo tem aquele caráter impressivo que faz meditar:
Enterro a pé ou a carrocinha de leite puxada por um bodezinho
manhoso.
Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz dos
símbolos,
Que a vida passa! que a vida passa!
E que a mocidade vai acabar.

Manuel Bandeira, Um mês de poesia com Manuel Bandeira

Sobre Manuel Bandeira e “Estrada”

Manuel Bandeira Estrada é um poema sobre o que a cidade apaga e o interior preserva. Por isso, começa com uma declaração simples e poderosa: a estrada interessa mais que a avenida. Além disso, o poema revela o que há de mais característico na poética de Bandeira – o olhar atento ao pequeno, ao cotidiano, ao que passa sem ser visto.

Manuel Bandeira: o poeta do cotidiano e da leveza

Manuel Bandeira nasceu no Recife, em 1886. Por isso, sua poesia carrega a memória do Nordeste – a infância, as ruas, os sons do interior. Além disso, viveu grande parte da vida no

Rio de Janeiro, e foi um dos fundadores do Modernismo brasileiro. Dessa forma, sua obra une tradição e ruptura com uma naturalidade única.

É autor de obras fundamentais como *Libertinagem*, *Estrela da Manhã* e *Itinerário de Pasárgada*. No entanto, sua grandeza está justamente na aparente simplicidade. Por isso, seus versos falam da vida comum com uma profundidade que surpreende. Portanto, Manuel Bandeira é considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa.

Manuel Bandeira Estrada: a vida que passa pelo caminho

Em “Estrada”, o eu lírico observa a vida a partir de uma estrada de interior. Assim, cada detalhe – os cães preocupados, a carrocinha de leite, o murmúrio da água – torna-se símbolo. No entanto, o poema não é nostálgico no sentido sentimental. É, portanto, uma meditação sobre o tempo e sobre a singularidade de cada criatura.

O verso final é o mais contundente. Da mesma forma que a água murmura sem parar, a vida passa – e a mocidade vai acabar. Por isso, “Estrada” permanece tão atual: porque fala do que é universal através do que é miúdo. Ademais, Manuel Bandeira faleceu em 1968, mas sua voz continua sendo uma das mais vivas da poesia brasileira.